# UMA INTRODUÇÃO A CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO MARXISTA: FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E SOCIO-FILOSÓFICOS DE UMA TEORIA CRÍTICO-SOCIAL REVOLUCIONÁRIA[1]

Francisco Glauber de Oliveira Paulino[1]; Frederico Jorge Ferreira Costa[2]
Maria Núbia de Araújo[3]; Raquel Dias Araujo[4]; Jarles Lopes de Medeiros[5]

[1]Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e professor da área de Currículo e Estudos Aplicados ao Ensino e Aprendizagem junto ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), *campus* Crateús. E-mail: glauber.oliveira@ifce.edu.br.
[2]Doutor em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e professor do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE-UECE). E-mail: frederico.costa@uece.br.
[3]Doutora em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e professora da Rede municipal de Ensino de Caucaia-CE (SME-Caucaia). E-mail: nubiadearaujo@yahoo.com.br.
[4]Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e professora do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará (CED-UECE). E-mail: raqueldias69@gmail.com.
[5]Doutor em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e professor do Centro de Educação, Ciências e Tecnologia da Região dos Inhamuns (CECITEC-UECE). Email: jarles.lopes@uece.br.

**Resumo**

O texto em tela é de natureza teórico-bibliográfica e tem por objetivo discutir aspectos do marxismo, particularmente sobre a sua dimensão teórico-filosófica e histórica autoconstitutiva e a proposta de formação crítica-propositiva voltada aos interesses da classe trabalhadora. A reflexão sobre o caráter teórico-filosófico e formativo deste complexo e a sua relação com a sociedade remete à necessidade de conhecermos as formas de determinações históricas, filosóficas e práticas derivadas das relações sociais que configuram a própria existência humana. Ao problematizar a leitura marxista da realidade objetiva junto à defesa de uma formação humana crítica-propositiva, consideramos o marxismo como complexo teórico-filosófico, método e prática que se manifesta em uma compreensão formação humana, as qual é produzida historicamente em meio a relações sociais concretas. Excetuando os seus elementos pré e pós-textuais, o texto está estruturado em quatro momentos autoconstitutivos: primeiro trazemos à lume uma rapsódia acerca do que iremos discutir; no segundo momento apresentamos o nosso referencial teórico; no terceiro momento apresentamos uma síntese introdutória a concepção de educação marxista; e, por último, arrematamos o texto destacando os seus principais elementos. Como resultado desta pesquisa bibliográfica, compreendemos que esta perspectiva teórico-metodológica oferece ferramentas importantes para a defesa de uma educação omnilateral e omnidisciplinar, visando superar a reprodução social e material

[1] O presente texto é uma versão reduzida de um texto que foi publicado na íntegra no v. 22, n. 4, pp. 01-24 na *Revista Caderno Pedagógico*, em fevereiro de 2025. Para o presente artigo, foram realizadas algumas supressões de parágrafos e modificações de edição que foram exigidos para esta publicação, bem como alguns acréscimos conceituais e teóricos, mas nada que comprometesse o conteúdo original texto.

de hoje, bem como o papel histórico da classe trabalhadora dentro do processo produtivo, reprodutivo e na contestação das relações sociais da sociedade capitalista afluente.
**Palavras-chave:** Marxismo. Educação. Classe. Formação humana.

## 1 Introdução

Nesta análise retomaremos o aporte teórico-filosófico e prático elaborado pelos alemães Karl Marx e Friedrich Engels e, posteriormente, ampliado por seus colaboradores, no campo educacional, as produções de Dermeval Saviani e Claudinei Lombardi, a fim de averiguar em que medida o marxismo pode, efetivamente, iluminar a tarefa de articulação do processo educativo escolar aos interesses da classe trabalhadora.

Assim sendo, nosso objetivo neste artigo, em particular, é identificar os pressupostos mais básicos que fundamentam o marxismo e a compreensão de educação que lhe compete, o que é essencial para estabelecer as coordenadas teórico-metodológicas do estudo multifacetado dos nexos entre educação e emancipação humana, reconhecendo, assim, uma identidade ontológica à abordagem realizada em nossa escrita. Com essa finalidade, este estudo desdobra-se em quatro momentos autoconstitutivos que desaguam em dois momentos específicos. No primeiro momento indicamos o ideal de educação defendido pelo marxismo. Na sequência, delimitamos de forma sintética os contornos mais gerais deste complexo teórico-filosófico e prático que se encontra a serviço dos interesses da classe trabalhadora.

O percurso analítico objetiva discutir os aspectos do marxismo como teoria e a proposta de educação crítica-propositiva voltada aos interesses da classe trabalhadora. Para tanto, sistematizamos a discussão em dois eixos autoconstitutivos, tendo em vista contribuir para responder parte das questões levantadas sobre o assunto ora discutido e refletir sobre a importância do marxismo e de sua proposição educacional dentro de sua dimensão histórica.

## 2 Referencial teórico

O escrutínio em tela visa apresentar ao leitor uma investigação pautada no materialismo histórico-dialético, o qual, grosso modo, pode ser resumido em três pontos elementares. Segundo Kosik (1976, p. 31), o método dialético-investigativo marxiano-marxista compreende três graus:

> 1) **minuciosa apropriação da matéria**, **pleno domínio do material**, nele incluídos todos os detalhes históricos aplicáveis, disponíveis;
> 2) **análise de cada forma de desenvolvimento do próprio material**;
> 3) **investigação da coerência interna**, isto é, determinação da unidade das várias formas de desenvolvimento. (Negritos nossos)

De acordo com o autor sobredito, sem "o pleno domínio de tal método de *investigação*, qualquer dialética não passa de especulação vazia" (Kosik (1976, p. 31).

Assim sendo, escolhemos como perspectiva teórico-metodológica de Karl Marx e Friedrich Engels para fundamentar a investigação, haja vista o fato de que eles vislumbraram em sua filosofia práxica elementos para subsidiar teoricamente o proletariado com o conhecimento da sociedade, da economia e do modo de produção capitalista ao ponto de contribuir no processo de transformação de uma classe *em si* à classe *para si* (Marx; Engels, 2007).

Ao elaborarem essa filosofia, visavam apresentar à classe trabalhadora um processo de transformação capaz de reestruturar o proletariado da forma passiva (*em si*) a uma classe consciente do seu papel revolucionário na sociedade, sendo assim, capaz de lançar-se na luta pela sua emancipação (*para si*). Logo, a inventividade do método investigativo marxiano, cuja análise parte do momento mais desenvolvido de determinado objeto em estudo para examinar a sua gênese e, após esse processo de apreensão da origem, é possível retornar ao seu ponto de partida, como uma síntese de múltiplas determinações.

## 3 Uma introdução à compreensão de educação marxista

Antes de demonstrar qualquer coisa sobre a concepção marxista de educação, é forçoso que se diga, ao menos, três coisas: 1) a partir dos escritos de Marx e Engels – e de seus interlocutores mais íntimos – não podemos discutir a educação como algo apartado da realidade, como uma problemática solta sem vínculo com o tempo e o espaço que independe de outros elementos para garantir a sua existência.

Logo, dentro da compreensão marx-engelsiana e marxista de educação, a sua compreensão, em seu mais amplo sentido, é pensada a partir da compreensão da categoria de análise *modo de produção* e secundada pela apreensão de outras determinações (cultura, temporalidade e economia) que a circunscreve antes de compreendê-la; 2) é senso comum entre os marxistas que Marx e Engels não trataram especificamente dos complexos da educação (*stricto* ou *latu sensu*) em uma única obra, logo não elaboraram uma teoria sistematizada de educação ou muito menos se ocuparam em organizar uma pedagogia propriamente dita; 3) também é de conhecimento de todos que ao longo de toda a obra marx-engelsiana – sobretudo nas obras em que eles tratam de assuntos ligados ao processo histórico, produtivo e antropológico presentes na constituição e passagem das sociedades tribais mais

antigas à sociedade contemporânea, a ideologia e a ciência – nós podemos encontrar coordenadas e indicativos acerca de uma concepção de educação e pedagogia revolucionárias a serviço da classe trabalhadora, como nos livros *A origem da família, da propriedade privada e do estado*, *Manuscritos econômico-filosóficos*, *A ideologia alemã* e *Dialética da natureza* (Saviani; Duarte, 2012; Lombardi, 2010).

Com inflexões próprias acerca da concepção de educação marx-engelsiana, Lombardi (2010, p. 21) diz o seguinte:

> As observações sobre a educação, o ensino e a qualificação profissional encontram-se esparsas no conjunto da obra. Geralmente, aparecem mescladas às críticas das teorizações e práticas burguesas, como a crítica da economia política e, antes dela, a da filosofia alemã e as das várias matizes de socialismo. Essas anotações também se encontram mescladas ao entendimento sobre as condições de vida e trabalho da classe trabalhadora, como na obra de Engels sobre *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, ou no contexto em que analisavam a situação e exploração da classe trabalhadora sob o modo capitalista de produção, como em *O capital* de Marx. (Itálicos do original)

Assim, após confrontarmos as ideias de Lombardi (2010) com a obra marx-engelsiana por ele anunciadas, a grosso modo, podemos dizer que, por educação, Marx (2017) e Engels (2010) não entendiam uma atitude paternalista ou acadêmica, mas assistência e orientação na luta diária que a classe trabalhadora trava contra o capital, nas lutas parciais e políticas em seu próprio seio e contra a sociedade burguesa e que servem de escola para a formação da consciência de classe do proletariado.

Tais coordenadas, anos à frente, foram recuperadas por diversos autores ligados ao espectro marxista, dos quais, dado o pioneirismo e a originalidade de seus trabalhos e pesquisas, anuentes com Saviani e Duarte (2012) e Lombardi (2008), destacamos a relevância dos trabalhos que foram sistematizados pelos teóricos que se seguem: 1) do historiador e educador italiano Mário Alighiero Manacorda, em seus respectivos livros *Il marxismo e l'educazione* [Marxismo e educação], de 1964, e *Marx e a pedagogia moderna*, de 1966; 2) o filósofo e historiador polonês Bogdan Suchodolski, em seu livro *Teoria marxista de la educación* [Teoria marxista da educação], de 1966; 3) o historiador francês Maurice Dommanget, em seu livro *Los grandes socialistas y la educación: de Platón a Lênin* [Os grandes socialistas e a educação: de Platão a Lênin], de 1972; 4) o intelectual comunista francês Roger Dangeville, em seu livro *Marx e Engels: critique de l'education et de l'enseignement* [Marx e Engels: crítica à educação e ao ensino], de 1976; 5) o advogado e político brasileiro Wagner Gonçalves Rossi, em seu livro *Pedagogia do trabalho: raízes da educação socialista*, de 1981.

Assim como Marx e Engels, todos esses intelectuais supramencionados também encontraram diversos colaboradores a suas obras seminais e uma miríade de continuadores de suas reflexões, pelo menos é o que podemos concluir, por exemplo, ao cotejarmos os seus trabalhos originais com a tese de livre docência do prof. José Claudinei Lombardi, esta defendida junto à Faculdade de Educação da Universidade de Campinas (Unicamp) com o título *Reflexões sobre educação e ensino na obra de Marx e Engels*, em 2011, e publicada posteriormente em formato de livro com o seguinte título *Educação e ensino na obra de Marx e Engels* (Lombardi, 2011).

Ancorando-se, principalmente, nos escritos de M. A. Manacorda, B. Suchodolski e R. Dangeville, Saviani e Duarte (2012) e Lombardi (2008) ressaltam o título de algumas obras em que podemos encontrar as primícias de uma educação e pedagogia marxista, a saber: 1) *Princípios do comunismo*, de 1847; 2) *Manifesto do partido comunista*, de 1848; 3) *Instruções aos delegados do Conselho Geral Provisório do I Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores*, de 1866; 4) *O capital*, de 1867; 5) *Crítica ao Programa de Gotha*, de 1875.

À guisa de demonstração, embora os fragmentos e excertos de livros que se seguem se encontram em obras distintas e possuem um *corpus* maior do que o que podemos analisar. Assim, seguindo a mesma ordem de livros e documentos apresentados no parágrafo anterior, algumas das coordenadas e de indicativos da compreensão marx-engelsiana – e marxista – de educação que foram extraídas de seus originais – em que se fazem perceber de forma esparsa.

Engels (2021, p. 246), discutindo acerca das possíveis consequências da abolição definitiva da propriedade privada em seu mais amplo espectro, voltando a sua atenção para a educação, diz-nos que:

> A educação permitirá aos jovens assimilarem rapidamente, na prática, todo o conjunto da produção e lhes permitirá deslocar-se sucessivamente de um ramo da produção a outro, segundo necessidades sociais ou inclinações individuais. Consequentemente, a educação libertará os indivíduos da unilateralidade que lhes é imposta pala atual divisão do trabalho. Dessa maneira, a sociedade organizada sobre bases comunistas possibilitará a seus membros o emprego multilateral de suas faculdades desenvolvidas universalmente. Com ela, desaparecerão necessariamente as classes sociais: sua existência é incompatível com as classes, e sua construção fornece os meios para a supressão das diferenças de classe.

Engels (2021) defende uma educação antirrestritiva, omnilateral e ominidisciplinar para os filhos da classe trabalhadora, educação esta que só poderá se realizar em todas as suas potencialidades em uma sociedade comunista. As consequências dessa afirmativa engelsiana se encontram presentes em diversas formulações de intelectuais marxistas preocupados com

a educação, como é o caso dos intelectuais orgânicos da Pedagogia Histórico-Crítica (p. ex., Dermeval Saviani, Newton Duarte e Marilda Facci) ou dos educadores, pedagogos e psicólogos soviéticos que lhes antecederam (*e.g.*, Moisey Pistrak, Nadezhda Krúpskaia, Anton Makarenko e Lev S. Vigotski).

Marx e Engels (2010, p. 55), tratando do assunto, desferem uma crítica à educação burguesa desnudando-a de suas vestes ideológicas que a esconde e, ao mesmo tempo, sinalizam o posicionamento dos comunistas acerca da educação.

> E a vossa educação não é também determinada pela sociedade? Pelas condições sociais em que educais vossos filhos, pela intervenção direta ou indireta da sociedade, por meio de vossas escolas etc.? Os comunistas não inventaram a intromissão da sociedade na educação; apenas procuram modificar seu caráter arrancando a educação da influência da classe dominante.

Após feita a denúncia, um pouco mais à frente, Marx e Engels (2010, p. 58) anunciam o seu projeto de educação. Em seu projeto de sociedade, organizado em dez pontos elementares, eles defendem, no ponto dez, o seguinte: educação "pública e gratuita a todas as crianças; abolição do trabalho das crianças nas fábricas, tal como é praticado hoje. Associação da educação com a produção material etc.".

Ou seja, Marx e Engels (2010) compreendiam que a educação deve ser um direito universal, que ela deve ser concedida a todos os novos membros do gênero humano, que ela deve ser mantida pelo Estado, de tal modo que possa garantir o acesso e as permanências dos jovens em seu interior e fora da lógica do trabalho ossificante capitalista e desvinculada da formação para o trabalho alienado e reificante.

Marx (2011, p. 85), em *Instruções aos delegados do Conselho Geral Provisório*, falando em nome de um coletivo, afirma que a educação deve abranger três coisas que, embora distintas, possuem uma relação de dependência mútua, a *educação mental* (*cultura geral e áreas específicas, como ciências, matemática, história e afins*, a *educação corporal),* educação física e modos e a *instrução tecnológica* (educação politécnica). Vamos, então, diretamente ao texto para obter maiores detalhes:

> Por educação entendemos três coisas:
> *1) Educação intelectual.*
> *2) Educação corporal*, tal como a que se consegue com os exercícios de ginástica militares.
> *3) Educação tecnológica,* que recolhe os princípios gerais e de caráter científico de todo o processo de produção e, ao mesmo tempo, inicia as crianças e os adolescentes no manejo de ferramentas elementares dos diversos ramos industriais.
> À divisão das crianças e adolescentes em três categorias, de nove a dezoito anos, deve corresponder um curso graduado e progressivo para a sua educação intelectual, corporal e politécnica (Marx, 2011, p. 85, itálicos do original)

Marx (2011), assim como Engels (2021), defende uma educação omnilateral e ominidisciplinar para os filhos do proletariado.

Marx, *n'O Capital*, no subcapítulo 9 – *Legislação fabril (cláusulas sanitárias e educacionais) sua generalização na Inglaterra* – do capítulo 13 – *Maquinaria e grande indústria* – chama a nossa atenção para a natureza deletéria do modelo de educação que passou a ser fomentada com o advento da sociedade capitalista a partir de suas leituras do intelectual britânico Robert Owen. A citação do trecho a seguir, apesar de longa, é muito esclarecedora sobre o assunto, diz Marx (2017, p. 554):

> Do sistema fabril, como podemos ver em detalhe na obra de Robert Owen, brota o germe da educação do futuro, que há de conjugar, para todas as crianças a partir de certa idade, o trabalho produtivo com o ensino e a ginástica, não só como forma de incrementar a produção social, mas como único método para a produção de seres humanos desenvolvidos em suas múltiplas dimensões. Como vimos, ao mesmo tempo que a grande indústria suprime tecnicamente a divisão manufatureira do trabalho e sua anexação vitalícia de um ser humano inteiro a uma operação detalhista, a forma capitalista da grande indústria reproduz aquela divisão do trabalho de maneira ainda mais monstruosa, na fábrica propriamente dita, por meio da transformação do trabalhador em acessório autoconsciente de uma máquina parcial e, em todos os outros lugares, em parte mediante o uso esporádico das máquinas e do trabalho mecânico, em parte graças à introdução de trabalho feminino, infantil e não qualificado como nova base da divisão do trabalho. A contradição entre a divisão manufatureira do trabalho e a essência da grande indústria impõe-se com toda sua força. Ela se manifesta, entre outras coisas, no fato terrível de que grande parte das crianças empregadas nas fábricas e manufaturas modernas, agrilhoadas desde a mais tenra idade às manipulações mais simples, sejam exploradas por anos a fio sem que lhes seja ensinado um trabalho sequer, que as torne úteis, mais tarde, mesmo permanecendo nessa mesma manufatura ou fábrica. Nas gráficas inglesas, por exemplo, antigamente ocorria que, em conformidade com o sistema da velha manufatura e do artesanato, os aprendizes passavam dos trabalhos mais fáceis para os mais complicados. Cumpriam todo um ciclo de aprendizagem até se transformarem em impressores de pleno direito. Saber ler e escrever era, para todos eles, uma exigência do ofício. Tudo isso mudou com a máquina impressora. Ela emprega dois tipos de trabalhadores: um adulto, o supervisor da máquina e assistentes jovens, a maioria de 11 a 17 anos de idade, cuja tarefa consiste exclusivamente em introduzir na máquina uma folha de papel ou retirar dela a folha impressa. Sobretudo em Londres, eles executam essa faina por 14, 15, 16 horas ininterruptas durante vários dias da semana, e frequentemente por 36 horas consecutivas, tendo apenas 2 horas de descanso para comer e dormir! Grande parte deles não sabe ler e, em geral, são criaturas absolutamente embrutecidas e anormais.

Desde o seu momento germinativo, o modelo de educação voltado às necessidades fabris, ela própria já vinha moldando um perfil de trabalhador embrutecido, *i. e.*, já vinha formando um operariado com o mínimo de informação e de conhecimento apreendidos para operar um maquinário complexo. Esse feito foi tão exitoso que, assim como no tempo de Marx, hoje podemos encontrar analfabetos totais e/ou funcionais operando e/ou manuseando

máquinas extremamente complexas, como é o caso dos computadores, *tablets* e *smartphones*, por exemplo.

Marx explica, ainda em sua obra magna, a lógica autoimanente do capitalismo, e ainda, no mesmo capítulo, encontramos esta crítica ao modelo de produção capitalista e a sua inserção na educação dos filhos da classe trabalhadora. Marx (2017, p. 558) afirma que a lógica autoexpansiva do capitalismo:

> transforma numa questão de vida ou morte a substituição dessa realidade monstruosa, na qual uma miserável população trabalhadora é mantida como reserva, pronta a satisfazer as necessidades mutáveis de exploração que experimenta o capital, pela disponibilidade absoluta do homem para cumprir as exigências variáveis do trabalho; a substituição do indivíduo parcial, mero portador de uma função social de detalhe, pelo indivíduo plenamente desenvolvido, para o qual as diversas funções sociais são modos alternantes de atividade. Uma fase desse processo de revolucionamento, constituída espontaneamente com base na grande indústria, é formada pelas escolas politécnicas e agronômicas, e outra pelas *écoles d'enseignement professionnel* [escolas profissionalizantes], em que filhos de trabalhadores recebem alguma instrução sobre tecnologia e manuseio prático de diversos instrumentos de produção. Se a legislação fabril, essa primeira concessão penosamente arrancada ao capital, não vai além de conjugar o ensino fundamental com o trabalho fabril, não resta dúvida de que a inevitável conquista do poder político pela classe trabalhadora garantirá ao ensino teórico e prático da tecnologia seu devido lugar nas escolas operárias. Mas tampouco resta dúvida de que a forma capitalista de produção e as condições econômicas dos trabalhadores que lhe correspondem encontram-se na mais diametral contradição com tais fermentos revolucionários e sua meta: a superação da antiga divisão do trabalho (Itálicos e acréscimos do original).

Podemos apreender das palavras de Marx (2017), portanto, que o que conhecemos hoje como educação flexível e dicotomizada – uma de conhecimento basal e de natureza adestrativa para os filhos do proletariado e uma outra de conhecimento sistematizado e de envergadura formativa para os filhos da burguesia – se trata de uma necessidade que já estava presente no desenvolvimento do próprio modelo de produção e reprodução de mercadorias capitalistas e de reprodução social que veio se seguindo – a *mercadoria* é a principal *célula* da sociedade capitalista, ela é o produto que rege inversamente toda a lógica de produção e de reprodução. Sobre a *identidade da mercadoria*, de forma concisa, diz Kosik (1976, p. 31):

> Para a sociedade capitalista a mercadoria é a *realidade absoluta* visto que ela é a unidade de todas as determinações, o embrião de todas as contradições; neste sentido, em termos hegelianos, ela pode ser caracterizada como unidade de ser e não-ser, de distinção e indistinção, de identidade e não-identidade (Itálicos do original).

Marx (2017) lança a sua crítica ao modelo de educação aventado pelo advento do capitalismo, ela o faz com toda a sua radicalidade e, desse modo, acaba superando as visões fatalistas da história e propondo-nos algo novo. É notório que Marx compreende o

condicionamento social que nos circunscreve, mas faz isso sem esquecer que esse mesmo tipo de circunstâncias não se realiza de modo mecânico e direto, sem escapatória. Mesmo trazendo à luz a natureza deletéria de todo o processo educacional capitalista, ele consegue identificar alguns coágulos de processos formativos presentes na própria lógica que podem servir de fermento revolucionário para a formação da classe trabalhadora.

Marx, ao reivindicar para a classe trabalhadora uma escolarização universal, obrigatória e gratuita sob incumbência do Estado enquanto lançava a sua crítica mordaz a um programa que foi redigido à época para atender a algumas reivindicações do Partido Operário Alemão, lançou uma pecha ferrenha ao reformismo pequeno burguês mencionado. Assim diz Marx (2012, p. 45):

> Educação popular igual? O que se entende por essas palavras? Crê-se que na sociedade atual (e apenas ela está em questão aqui) a educação possa ser igual para todas as classes? Ou se exige que as classes altas também devam ser forçadamente reduzidas à módica educação da escola pública, a única compatível com as condições econômicas não só do trabalhador assalariado, mas também do camponês? "Escolarização universal obrigatória. Instrução gratuita." A primeira existe na Alemanha, a segunda na Suíça [e] nos Estados Unidos, para escolas públicas. Que em alguns estados deste último também sejam "gratuitas" as instituições de ensino "superior" significa apenas, na verdade, que nesses lugares os custos da educação das classes altas são cobertos pelo fundo geral dos impostos. O mesmo vale, diga-se de passagem, para a "assistência jurídica gratuita" exigida no artigo 5. A justiça criminal é gratuita em toda parte; a justiça civil gira quase exclusivamente em torno de conflitos de propriedade, dizendo respeito, portanto, quase exclusivamente às classes proprietárias. Elas devem mover seus processos à custa do tesouro público? O parágrafo sobre as escolas devia ao menos ter exigido escolas técnicas (teóricas e práticas) combinadas com a escola pública (Aspas e acréscimos do original).

A educação proposta por Marx, longe de manter uma dualidade, orientando uns para uma profissão e outros para diferentes tipos de trabalho, pelo contrário, deveria reservar suas forças ao direcionamento de todos aqueles envolvidos no processo de formação, independentemente de sua raça, credo, orientação sexual e/ou enraizamento local, regional ou nacional, proporcionando o acesso ao conhecimento sistematizado, científico e estético em suas formas mais ricas e bem desenvolvidas como das práticas humanizadoras em todas as suas potencialidades.

Em suma, de forma sucinta e breve, se tomarmos como parâmetro o *corpus* do conjunto da obra cotejada, estão aí alguma das menções de Marx e Engels voltadas à educação e ao ensino – por óbvio, todos os excertos por nós citados, para serem devidamente compreendidos dentro de seus contextos, precisam ser analisados à luz do restante da obra marx-engelsiana.

## 4 Considerações finais

A reflexão sobre o caráter teórico-filosófico e educacional do marxismo e da sua relação com a sociedade remete à necessidade de conhecermos as formas de determinações históricas, filosóficas e práticas derivadas das relações sociais que configuram a própria existência humana.

Nesse sentido, problematizamos a leitura marxista da realidade objetiva e identificamos a sua proposta de educação crítica-emancipatória. Para tanto, consideramos que os fundamentos do método dialético e da compreensão ampla de educação se materializam a fim de que possamos compreender os aspectos históricos da formação humana, bem como o acesso ao conhecimento das forças produtivas e das formas de produção em meio a relações sociais concretas.

A apropriação das coordenadas teórico-metodológicas da dialética nos permite estabelecer as conexões íntimas que dão sentido a um percurso formativo e criativo que visa à transformação da sociedade de classes, de modo a construir novas bases para a formação dos indivíduos, superando a correlação de forças sociais que determinam as desigualdades e o antagonismo entre as classes sociais. Assim, o acesso para a classe trabalhadora do conhecimento acumulado historicamente é uma possibilidade de entender em que condições de superação desta ordem social se configuram para uma transformação histórica

Entre as considerações finais, destacamos que a síntese realizada, com os resultados obtidos nesta pesquisa, poderá auxiliar na compreensão da sociedade e dos estudos que visem refletir e demonstrar as contribuições marxianas e marxistas para o desenvolvimento de uma educação emancipadora.

Esse estudo, de caráter exploratório, configura-se numa introdução ao materialismo histórico-dialético, consideramos que se faz necessário retomar esse debate para um melhor aprofundamento do marxismo enquanto teoria da práxis social.

## Referências

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Tradução de B. A. Schumann. 1. ed. revista. São Paulo: Boitempo, 2010.

ENGELS, Friedrich. **Princípios do comunismo**. *In*: ENGELS, Friedrich. Esboço para uma crítica da economia política: e outros textos de juventude. Tradução de Nélio Schneider, Ronaldo Vielmi Fortes e José Paulo Netto. São Paulo: Boitempo, 2021. cap. 10, p. 235-249.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio. 2. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

LOMBARDI, José Claudinei. Educação, ensino e formação profissional em Marx e Engels. *In*: LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval (orgs.). **Marxismo e educação**: debates contemporâneos. 2. ed. Campinas: Autores Associados; HISTEDBR, 2008. cap. 1, p. 1-38.

LOMBARDI, José Claudinei. Educação e ensino em Marx e Engels. **Germinal**: Marxismo e Educação em Debate, Londrina, v. 2, n. 2, p. 20-42, ago. 2010. Disponível em: https://doi.org/10.9771/gmed.v2i2.9581. Acesso em: 26 jan. 2025.

LOMBARDI, José Claudinei. **Educação e ensino na obra de Marx e Engels**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2011.

MARX, Karl. Instrução aos delegados do conselho central provisório. *In*: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Textos sobre educação**. Campinas, SP: Navegando, 2011. cap. 4, p. 83-86.

MARX, Karl. **Crítica ao programa de Gotha**. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). Tradução de Rubens Enderle, Nélio Schneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. Tradução de Álvaro Pina e Ivana Jinkings. 1. ed. rev. São Paulo: Boitempo, 2010.

SAVIANI, Dermeval; DUARTE, Newton. **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.